

O ESTUDO DAS FONTES ESTRANGEIRAS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS E O CASO ITALIANO

EUGÊNIO VINCI DE MORAES

RESUMO Os estudos das fontes italianas na obra de Machado de Assis ainda são uma esquecida árvore no meio da floresta dos estudos machadianos. Três aspectos explicam talvez a posição marginal dessas pesquisas: primeiro, o número menor de referências italianas perante as inglesas e francesas, por exemplo; segundo, a ausência de estudos de maior fôlego; por último, por essa fonte não tocar nas questões centrais da obra de Machado. Neste artigo pretende-se mostrar de que forma trabalhar com as fontes em Machado, com base em três modelos de análise, e também de que forma esses estudos podem tocar, sim, em pontos fundamentais da obra de Machado, desde que não se desdenhe a já alentada e qualificada fortuna crítica do escritor fluminense.

PALAVRAS-CHAVE Machado de Assis; fontes italianas; crítica machadiana.



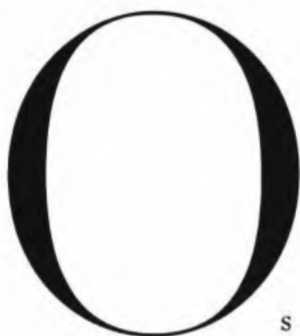
ABSTRACT *Gli studi delle fonti italiane nell'opera di Machado de Assis sono ancora un albero dimenticato nella foresta degli studi machadiani. Tre aspetti forse spiegano la posizione marginale di queste ricerche: in primo luogo, il numero esiguo di citazioni italiane in rapporto alle inglesi e alle francesi, per esempio; in secondo luogo, la mancanza di studi di ampio respiro e in terzo luogo, il fatto che le fonti italiane non toccano le questioni centrali dell'opera di Machado. In questo articolo ci si propone di dimostrare come si possono studiare le fonti in Machado in base a tre modelli di analisi, e come questi studi possono toccare punti fondamentali dell'opera di Machado, se prendono in considerazione la fortuna critica ampia e qualificata dello scrittore.*

PAROLE CHIAVE *Machado de Assis; fonti italiane; critica machadiana.*

ABSTRACT *Studies on the Italian sources in Machado de Assis's work are still a lonely tree amidst the forest of studies on Machado de Assis. Three aspects perhaps explain the marginal situation of this research: firstly, fewer Italian references when compared to English and French references, for instance; secondly, absence of lengthier studies; lastly, this source doesn't address key issues in Machado's work. This paper intends to show how to deal with the sources in Machado's work, based on three analysis models, and additionally how these studies can indeed address fundamental issues in Machado's work, as long as one does not neglect the writer's qualified and much-vaunted critical fortune.*

KEYWORDS *Machado de Assis; Italian sources; Machado's work critique.*

1.



s estudos das fontes literárias na obra machadiana pouco a pouco tomam corpo e começam a se constituir numa vertente relevante de sua fortuna crítica. Recentemente, publicou-se mais um estudo das fontes francesas, *Capitu e a mulher fatal. Análise da presença francesa em Dom Casmurro* (2003), de Gilberto Pinheiro Passos, que desde meados da década de 1980 vem compilando a presença francesa na obra do escritor fluminense¹. No ano seguinte, 2004, o filósofo Sérgio Paulo Rouanet escreveu para a revista *Estudos Avançados* o ensaio “Tempo e espaço na forma shandiana: Sterne e Machado de Assis”², em que compara os procedimentos narrativos dos dois autores. Esse artigo, além de repor a discussão sobre a presença da obra do irlandês na obra de Machado, dialoga com outra tendência, cada vez mais preponderante em termos dos estudos de fontes, que defende a filiação da obra do escritor brasileiro à tradição luciânica ou à sátira menipéia. Quem primeiro levantou essa lebre foi José Guilherme Merquior, em 1972, num célebre ensaio intitulado “Gênero e estilo nas *Memórias Póstumas*”. Mais de uma década mais tarde, em 1989, essa hipótese foi minuciosamente exibida e descrita por Enylton Jose de Sá Rego em *Calundu e a panacéia. Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*, e hoje vem sendo corroborada – em parte ou totalmente – por críticos como Valentim Facioli e Ivan Teixeira, entre outros³.

Mas como ficam os pesquisadores das fontes italianas em vista dessa seção dos estudos machadianos? Isolados ainda, infelizmente. Em parte porque a presença dessa literatura é minoritária em face das inglesa e francesa, por exemplo; em parte, porque faltam tanto pesquisas mais amígdadas quanto estudos de maior fôlego; em parte porque de algum modo essas fontes parecem passar ao largo das questões de fundo que marcam a obra de Machado. As duas primeiras

1. O autor, professor de Literatura Francesa na USP, já escreveu, com essa mesma abordagem, livros sobre *Memorial de Aires*, *Quincas Borba*, *Esau e Jacó* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

2. *Estudos Avançados*, n. 51, maio/agosto 2004, pp. 335-54.

3. Do primeiro, *Um defunto estrambótico: Análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas* (São Paulo: Nankin, 2002), e do segundo “Pássaros sem asas ou morte de todos os deuses” (in: Machado de Assis. *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. IX-LIII).

explicações são convincentes, mas a última, não. Veremos, então, como o estudo da presença italiana pode ser mais importante do que aparenta ser.

2.

Num texto publicado no início da década de 1950⁴, Augusto Meyer transcreve um trecho de artigo de Otto Maria Carpeaux, em que o crítico austríaco radicado no Brasil deixa transparecer seu espanto ante a variedade de fontes flagradas no episódio do “Delírio” de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “Ficamos perplexos. Um pequeno trecho só, sensivelmente influenciado por dois escritores tão diferentes como Hugo e Leopardi! Machado de Assis os teria amalgamado? A hipótese é absurda. No entanto os fatos são obstinados”⁵. Ele parecia se render à hipótese do crítico baiano Eugênio Gomes – um dos primeiros a escrever de maneira mais analítica e crítica sobre as fontes em Machado de Assis –, que via numa fonte francesa, o poema “*Ce qui dit la bouche d’ombre*” de Victor Hugo, a inspiração da cena em que a mãe Natureza agarra Cubas pelos cabelos⁶. O crítico austríaco não teria levado em conta ainda a hipótese do gaúcho Alcides Maya⁷, que acreditava ver ali traços inequívocos da *Tentação de santo Antão*, de Flaubert, com a qual concordava seu conterrâneo, Augusto Meyer.

Como se vê, “os fatos são obstinados” e os problemas, copiosos. A quantidade de citações, referências e alusões na obra de Machado acaba formando um complexo delicado com o qual o crítico ou pesquisador tem de tomar algumas precauções. Em primeiro lugar, em que pese não ser uma novidade a abundância de citações em obras do Oitocentos brasileiro⁸, é preciso tentar entender que papel elas têm na obra de Machado. Isso é mais difícil ainda quando a tomamos em toda sua extensão, levando em conta as assim chamadas primeira e segunda fases. Quer dizer, as referências também aparecem em escritos anteriores a 1880 (ano da edição de MPBC), e em gêneros distintos, não só nos romances mas também nos contos e na poesia⁹. Numa palavra, uma explicação generalizante desse procedimento é muito arriscada, portanto outros caminhos devem ser trilhados. Veremos dois deles e, em seguida, sugeriremos um terceiro com base numa fonte italiana.

3.

Em *Poética do legado. Presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas*, Gilberto Pinheiro Passos buscou interpretar, em conjunto, as referências francesas nesse romance, não só literárias mas também as socioculturais. Sua intenção foi a de analisá-las de forma a incorporar os signifi-

4. “O delírio de Brás Cubas”. In: Meyer, A. *Machado de Assis*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Presença [1952], 1975.

5. *Ibidem*, p. 107. Meyer apenas menciona o *Diário Carioca*, como referência desse artigo, o qual, por enquanto, não localizamos. Vale lembrar que Carpeaux, no decênio anterior, havia escrito o ensaio que pela primeira vez divisaria a presença da obra de Giacomo Leopardi em Machado de Assis, “Uma fonte da filosofia de Machado de Assis” (1948), em especial neste episódio de *Brás Cubas*.

6. Gomes, Eugênio. “Uma fonte francesa (Victor Hugo)”. In: *Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro/Brasília: Pallas/INL, [1939] 1976, p. 117. O trecho é este: “*Me prit par les cheveux dans sa main qui grandit, / M’emporta sur le haut du rocheur [...]*”

7. *Apud* Meyer, A., *op. cit.*, p. 107.

8. Basta ver, por exemplo, as obra em prosa de Álvares de Azevedo, *Macário* e *Noite na taverna*, em que há uma profusão de citações, sobretudo no início. José de Alencar tinha um caderno de “frases de escritores”, muitas delas usadas em seus folhetins e crônicas (cf. Martins, E. V. *A fonte subterrânea*. São Paulo: Edusp; Londrina: Eduel, 2005, p. 102). Um alentado estudo sobre esse assunto encontra-se em *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*, de Brito Broca.

9. É só ir aos poemas da década de 1880 e nos outros enfeixados nas *Ocidentais*, publicadas em 1901, para ver a abundância de referências que se encontram ali.

cados encontrados à interpretação do “todo ficcional”. Para ele, a herança literária circularia no romance como uma tradução ou reiteração da “ciranda de transferência de bens e fulcro do interesse de tantas figuras, que a ela recorrem, no intuito de promover-se socialmente”¹⁰. O desfrute da herança patrimonial, no âmbito socioeconômico, seria “representado, dialógica e simbolicamente, *pelo uso sistemático de elementos franceses*”¹¹. Essa presença é integrada à obra de acordo com a situação ensejada pelo autor e serviria como um “operador de sentidos”, na medida em que a fonte em si não determina o significado de sua presença, mas sim a operação que a insere no texto.

A “poética do legado” expressa esse paralelismo entre transmissão patrimonial e cultural e mostra que em *Brás Cubas* o elemento francês aparece, por um lado, quase sempre deslocado pelo jogo social, rebaixado a mero desfrute; e por outro lado, como uma forma de despistamento, por meio do qual o leitor se viria obrigado a breçar sua fruição para tentar decifrar possíveis mensagens veladas dirigidas a ele. Uma oscilação entre desfrute e logro no qual a tradição é revirada, circulando à força de paródia, mas, ainda assim, transmitindo o legado da Literatura, em maiúsculas, a despeito das últimas, e negativas, linhas do romance.

É uma interpretação, portanto, que busca apanhar em conjunto o complexo processo de citações de um romance de Machado, sem se estender a outras obras ou gêneros. Mas não seria também produtiva uma outra abordagem que levasse em conta o conjunto da obra machadiana, tanto do ponto de vista diacrônico quanto do gênero? Apostamos que sim, e falaremos dela com base num ensaio do crítico francês Jean-Michel Massa a respeito da influência de Dante Alighieri na obra do escritor fluminense.

4.

Nas comemorações do sétimo centenário do nascimento do escritor florentino, em 1965, Jean-Michel Massa deu uma conferência na Sociedade Francesa de Literatura Comparada, na qual defendia as pesquisas das marcas italianas, mesmo tomando-as como uma modesta árvore em meio à floresta dos estudos das fontes machadianas¹². No ano seguinte foi publicado, com o título “La présence de Dante dans l’oeuvre de Machado de Assis”, um artigo hoje raro que pode ser encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesse ensaio ele sugere dividir em quatro etapas a análise da presença de Dante em Machado de Assis: “1. Estudo das citações de Dante na obra de Machado de Assis; 2. Análise de uma tradução feita por ele; 3. Busca das alusões à obra do florentino que não se apóiam em uma referência direta ou textual; 4. Impulsão dada à obra de Machado de Assis por meio da técnica ou da poesia do italiano”¹³. Como se vê, seguir esses tópicos implica em última instância percorrer todos os escritos de Machado. A meu ver, tarefa exaustiva mas possível. Em parte feita por Edoardo Bizarri, que fez o levantamento das citações diretas de Dante na obra de Machado

10. Passos, G. P. *Poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Anna Blume, 1996, p. 149.

11. *Ibidem*, pp. 142-43.

12. “La forêt ne doit pas nous faire oublier les arbres.” Massa, Jean-Michel. “La présence de Dante dans l’oeuvre de Machado de Assis”. In Botrel, J. F. *Études luso-brésiliennes*. Paris: PUF, 1966 (cópia de microfilme).

13. *Ibidem*.

pouco tempo antes da conferência de Massa, em uma publicação do Instituto Ítalo-Brasileiro, também em 1965, com o título “Machado de Assis e Dante”¹⁴. No entanto, Massa discorre apenas sobre os dois primeiros tópicos. E nestes “unicamente aquilo [na obra de Machado] que transparece o conhecimento de Dante, a presença de Dante, o Dante de Machado de Assis”, e deixará de lado “um aspecto mais dinâmico, a influência do poeta italiano na criação literária de Machado de Assis, o eco da leitura de Dante em Machado”¹⁵.

À diferença, portanto, do estudo de Gilberto Passos, a sugestão do crítico francês concentra-se num autor só, e exige um conhecimento da obra de Machado em sua totalidade. É um trabalho de cosimento, em que as diversas partes analisadas teriam de ser alinhavadas de acordo com os significados trazidos pelas análises pontuais. Decerto as diferentes apropriações da obra de Dante teriam de ser ressaltadas e talvez por meio delas se divissem certos procedimentos e significados da obra do escritor brasileiro em diferentes períodos e gêneros.

Para termos uma idéia das dificuldades implícitas nessa proposta basta ver as várias alusões a Dante somente na chamada primeira fase dos escritos machadianos, a contar de 1856, aos 17 anos – “[...] bela como um pensamento de Dante” –, até às portas da publicação de *Brás Cubas*, janeiro de 1880, quando publica vários poemas na *Revista Brasileira* (em especial “Uma criatura” e “Artur Oliveira, enfermo”) que mais tarde entrariam nas *Ocidentais*, publicadas em 1901, no volume de suas *Poesias completas*. Entre elas há citações diretas, como nos romances *Helena*, *A mão e a luva*, poemas escritos em tercetos dantianos de 1863 (“No limiar”), 1870 (“Última jornada”) e 1880 (“Uma criatura”) entre outros, a tradução do canto XXV do Inferno, publicado em 1874, epígrafes como a de “Versos a Corina” etc. Cada uma dessas referências requer uma parada analítica e ao cabo uma interpretação mais ampla, guardados os limites impostos pela situação de cada uma na obra do brasileiro. Sem contar que muitas alusões da primeira fase são retomadas na segunda, como é o caso dos cantos V e XXV do Inferno, por exemplo. E aí o estudioso das fontes tem de se haver com a fortuna crítica machadiana para dar cabo dessa tarefa.

No entanto chama a atenção na proposta de Massa justamente o estudo que ele deixa sugerido: aquele em que destaca a possibilidade de estudar possíveis influências da técnica ou da poesia dantianas na obra de Machado. “L’impulsion donnée à l’oeuvre de Machado de Assis”, nas palavras dele. Uma possível aproximação entre os dois autores exigiria uma seleção crítica, uma análise comparativa e um exame mais aprofundado da obra de Machado em vista dessas contribuições do escritor italiano. Com isso, podemos passar para a descrição de um terceiro caminho para esses estudos.

5.

A abordagem que se quer apresentar aqui parte das considerações feitas por Alcides Villaça em um artigo seu, de 1998, “Machado, tradutor de si mesmo”, no qual comenta a forma pela qual

14. Bizarri, E. “Machado de Assis e Dante”. In: *Meu Dante*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1965 (Caderno n. 5), p. 144. Em seu levantamento reúne vinte e quatro citações, onze na ficção e treze nas crônicas. Não estão contadas aí as alusões diretas ou indiretas.

15. Massa, J-M., *op. cit.*

Machado vai transformando em equivalências o que antes eram coisas desproporcionais¹⁶, incluindo-se aí as fontes literárias. Quer dizer, uma vez selecionadas pelo autor, as fontes são traduzidas pelo narrador, o qual encontraria sua estabilidade nesse movimento sem-fim de fundação de valores pertinentes e convergentes para a sua obra:

A variedade dos tempos históricos, dos valores, dos desejos humanos, das lutas pelo poder, dos gêneros e dos estilos é considerada, sim, por um minuto, para no minuto seguinte passar pelo funil estreito da perspectiva do narrador, onde a qualidade original aparece “traduzida”¹⁷

Nesse sentido, ao tomarmos uma fonte, Dante, para continuarmos onde estávamos, somos instados a investigar de que forma ela é traduzida para o sistema literário machadiano. Flagrar essa tradução implica perceber os valores que a literatura de chegada (para usar o jargão dos estudos de tradução) pretende introduzir com o uso da fonte. Não custa lembrar como o narrador caprichoso, como o nomeou Augusto Meyer¹⁸, ou volúvel, como o fez Roberto Schwarz, é a instância literária mais importante por excelência nesse caso, uma vez que o narrador é quem deforma, reduz, torce toda referência que surge à sua frente: “Neste sentido, além das provocações de toda espécie, há o procedimento das citações afrontosamente torcidas em causa própria, incitando à verificação dos passos e motivos de quem está com a palavra”¹⁹. Por isso, o estudo da fonte por essa via deve levar em conta a afrontosa perspectivação com que o narrador machadiano inquina a matéria narrada, neste caso, a fonte italiana. No entanto, devemos considerar essa perspectivação com cuidado, e tomá-la de acordo com a obra, já que os comentários acima valem, pensando estritamente, para as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A título de exemplo, uma via é refletir sobre o episódio de Paolo e Francesca, do Canto V do Inferno, nos vários momentos em que ele é referido na obra de Machado²⁰. Ou então, pensar por que Machado escolheu o trecho de Minos, também do Canto V, para pôr no pórtico de *Esauí e Jacó* e por que ele veio truncado e acrescentado de uma vírgula inexistente no original: *Dico, che quando l'anima mal nata?* Que valores estão em jogo nesse contexto e de que modo podem relacionar-se com as outras citações ou alusões a Dante no decorrer desse romance? Essas referências podem ser alinhavadas em torno da figura do florentino, os valores que apontam dessas referências convergem para algo comum extraído da obra de Dante, ou, à diferença disso, servem para fundar valores distintos e portanto inarticulados entre si? Ou se articulariam mediante os procedimentos do narrador, que os explicaria ou os funcionalizaria tendo em vista o conjunto de sua obra? Estaríamos no domínio dos valores da obra machadiana, portanto; estaríamos, em suma, à cata de significados que podem deixar o silêncio por meio do estudo de suas fontes. O caso de Dante é especial, uma vez que esse autor foi extremamente caro a Machado e, decerto, o exame de sua presença será bastante profícuo.

16. Villaça, Alcides. “Machado de Assis, tradutor de si mesmo.” *Novos Estudos-Cebrap*, n. 51, jul. 1998, p. 9.

17. *Ibidem*, p. 11.

18. Meyer formulou esse “conceito” em “O homem subterrâneo”, in Meyer, A., *op. cit.*, p. 15.

19. Schwarz, R. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4ª. ed. São Paulo: Duas Cidades/ 34 Letras, 2000, p. 209.

20. Ver com detalhes em Bizarri, E., *op. cit.*

Nesse sentido, devemos lembrar que há já alguma bibliografia sobre o assunto, a começar por Mário de Andrade, que dedicou boa parte de seu artigo “Machado de Assis”, publicado nos *Aspectos da literatura brasileira*, a comparações entre o poema “Última Jornada”, de 1874, do livro *Americanas*, e o canto V do Inferno, além de especular sobre as razões pelas quais Machado teria escolhido o canto XXV do Inferno para traduzir. Depois do modernista, os próprios Bizarri e Massa refletiram sobre isso também, assim como o poeta Augusto de Campos, no volume em que apresenta traduções da *Divina Comédia*. Não só sobre Dante, mas também sobre Maquiavel e Leopardi existem estudos, muitas vezes coadjuvando interpretações mais abrangentes sobre Machado, como ocorre por exemplo, a respeito de Maquiavel, em ensaios de Alfredo Bosi e Alcides Villaça²¹. No caso do poeta marchigiano, por causa das recentes aproximações entre Machado e Luciano de Samósata, abriu-se uma vertente de estudos promissora, uma vez que se sabe que a obra do escritor sírio/grego foi de suma importância para a redação das *Operette morali*. Seria uma outra via de aproximação entre os autores, diferente da proposta por Carpeaux, que via no materialismo a afinidade entre ambos.

6.

Então, nessa floresta que são os estudos das fontes machadianas, para retomar a imagem de Massa, a árvore italiana pode contribuir muito para a crítica machadiana. Vimos aqui três formas de abordá-las. Uma ligada a dinâmicas intertextuais, na qual a circulação literária é reatualizada não como repetição mas como representação da transmissão patrimonial inscrita no texto. Método que se funda, primeiro, no levantamento das ocorrências das fontes e, segundo, no diálogo entre elas e o texto de chegada. Note-se que ele mostra que a relação com a tradição já é outra, uma vez que a fonte selecionada é diminuída pela paródia e deslocada pelo sistema da obra de chegada.

A perspectiva de Massa antes de mais nada pretende-se rigorosa em relação a seu objeto, e não por acaso, em seu esquema para o estudo de Dante em Machado, o tópico dedicado às influências do florentino na obra de chegada fica para o final, relevando sua preocupação com a precisão documental. Não é supérfluo lembrar que o crítico francês fez um exaustivo trabalho de levantamento de textos na década de 1960, que resultou em uma biografia intelectual de sua produção de juventude, uma seleção e publicação de textos inéditos, e a descoberta e o levantamento dos volumes da biblioteca de Machado de Assis²². Muito importante, diga-se, para os estudos das fontes italianas, uma vez que estão lá obras, por exemplo, de Dante, Maquiavel e Leopardi.

Por fim, a terceira proposta sugerida aqui de certo modo parte da sugestão final do esquema de Massa e procura enfatizar a busca de sentidos na obra machadiana por meio da análise da *tradução* das fontes na obra de chegada. Esse caminho é, ao mesmo tempo, mais seletivo que os anteriores, na medida em que busca se guiar pelo sistema literário da obra de chegada; e mais abrangente, uma vez que requer a incorporação da fortuna crítica machadiana decisiva para o tema em questão. No caso do “Delírio”, por exemplo, além do exame da presença de Leopardi, é necessário levar

21. Alfredo Bosi perfila em sua genealogia do olhar machadiano o autor do *Príncipe* além de mencioná-lo em seus ensaios de *O enigma do olhar* (São Paulo: Ática, 1999). Alcides Villaça aponta a presença de Maquiavel em vários trechos do artigo citado aqui.

22. “A biblioteca de Machado de Assis”, in Jobim, José Luís, *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

em conta tanto as outras hipóteses em termos de fontes – nem que seja para sopesá-las ou mesmo refutá-las – quanto tudo que se escreveu de mais relevante sobre esse episódio machadiano.

Em suma, a pesquisa das fontes italianas precisa tomar corpo e incluir-se na historiografia machadiana. Aqui só quisemos mostrar como esses estudos devem antes de mais nada explicitar seu método e buscar produções de mais fôlego, pois um autor como Machado – um dos maiores do país – possui uma historiografia crítica da maior qualidade, que é infensa a trabalhos que não a encarem de frente. Continuaremos à margem, se assim não fizermos.